

Reeleição anima investidores

Nos EUA, a expectativa dos empresários é de avanço nas reformas constitucionais

por Maria Helena Tachinardi
de Washington

Se o assunto é o mercado brasileiro, os empresários americanos têm três expectativas para 1997: a definição sobre a reeleição do presidente da República, a regulamentação na área de telefonia celular e a redução do Custo Brasil. Esses empresários aprovam a continuidade do atual modelo com Fernando Henrique Cardoso no Planalto. "Eles estão acompanhando de perto a discussão sobre a reeleição porque vai impactar a abertura a curto e longo prazo. E o que o empresariado deseja é certeza", afirma Renard P. Aron, vice-diretor da seção americana do Conselho Empresarial Brasil/EUA. Em recente conversa com cerca de 15 dirigentes de firmas dos EUA, ele constatou que a opinião geral é de satisfação com a equipe econômica, mas a grande preocupação é o Custo Brasil, "um obstáculo à eficiência do País como competidor mundial".

Esse tema será uma das prioridades nas discussões do Conselho Empresarial no próximo ano, juntamente

com a integração hemisférica e as reformas constitucionais -da Previdência, administrativa e tributária. Delas dependerão o corte dos gastos públicos e maior eficiência, alavanca que o empresariado acha importante para sinalizar investimentos no longo prazo. Tudo o que traz incerteza afeta as decisões de investimentos, como a elevação de tarifas de importação de carros, brinquedos e vinhos, num processo aleatório.

Quanto mais o Brasil avançar nas reformas mais vai atrair investimentos, dizem os empresários. No ano passado, o Brasil foi o segundo maior receptor de investimentos diretos dos EUA, perdendo apenas para a China. Na área de telecomunicações, por exemplo, os grandes grupos, como AT&T, Lucent Technologies, Bell South, Sprint, que formou o consórcio Global One, e MCI estão com seus escritórios instalados no Brasil só esperando a hora certa para entrar. O que irá ocorrer, "quando houver a regulamentação da telefonia celular e o governo abrir as licitações. Os empresários estão esperando também o que vai aconte-

cer com a emenda da reeleição", diz James Ferrer Jr., diretor do Institute of Brazilian Business and Public Management Issues, vinculado à George Washington University.

Integrantes do conselho empresarial Brasil-EUA têm interesse especial na revisão do comércio bilateral

Ferrer Jr. diz que os empresários não estão preocupados "porque não há problema no balanço de pagamentos, o fluxo de capital é bom e as reservas internacionais estão altas. O importante é saber se as reformas terão continuidade para dar eficiência e competitividade à economia brasileira". Em sua opinião, uma tarifa de importação de carros de 30%, em vez dos atuais 70%, seria suficiente. "A proteção cria ineficiência. Com preços mais baixos e alta qualidade, o Brasil seria capaz de competir no mercado americano de carros, como aconteceu com os coreanos".

A estratégia das empresas é global, por isso quando decidem seus investimentos analisam custos no Brasil, no Mercosul, nas Américas e no mundo. "O Brasil só vai captar recursos se diminuir o seu custo. Em função disso as firmas podem querer produzir só para o mercado interno brasileiro ou levar para lá apenas uma parte do processo industrial com menos tecnologia", observa Aron. Segundo ele, os países que competem com o Brasil no hemisfério são os EUA, a Argentina e o México. É por causa da estratégia global que o empresariado está tão interessado na concretização da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que a partir de 2005 deverá começar a reduzir as barreiras ao comércio e aos investimentos.

O Conselho Empresarial Brasil/EUA, que na seção americana é integrado por 47 grandes investidores, está acompanhando de perto a chamada revisão bilateral de comércio por parte dos governos. A entidade listou nove prioridades, e entre as mais importantes inclui-se um tratado para evitar a bitributação. ■